

Educação

Estudantes despreparados

ESTADO DE SÃO PAULO

29 AGO 1993

Uma feira de informática é um exemplo típico do “distanciamento” entre o avanço tecnológico e a absorção que dele é feita pela sociedade. Acompanhe-se o comportamento de muitos escolares que frequentaram a feira de São Paulo: pareciam num jardim zoológico vendo um animal exótico. É que as novas tecnologias exibidas ficam muito longe do universo mental e do dia-a-dia da maioria.

É preciso repensar o papel da escola brasileira na era da tecnologia e acabar com a memorização

O estudante brasileiro, agente preferencial para a realização do futuro, está em sua maioria — aliás, como boa parte da sociedade brasileira — despreparado para a “nova era”. Não que seja ele culpado por isso. Responsabilize-

se a escola que frequenta; não só porque essa escola não investe na convivência do aluno com as novas tecnologias, mas principalmente porque continua utilizando técnicas de ensino (e aprendizado) baseadas na memorização e não no desenvolvimento do raciocínio e da inteligência.

Esse fato é que explica o fosso aberto entre o avanço tecnológico e a realidade social. Repensar o papel da escola, redefinir o sentido que a escola pode ter na realidade da sociedade da terceira onda é a única possibilidade de reduzir essa distância. Há quanto tempo a nossa escola é uma infeliz reserva de mercado da rotina, da monótona memorização de “verdades” desco-

nexas, ocupada primeiro por uma inútil retórica, substituída depois em muitos casos pela exacerbação ideológica mais absurda? O Japão, 25 anos atrás, definiu-se estrategicamente pela terceira onda, ou seja, preocupou-se menos com prêmios e mais com conhecimento.

Foi isso que fizemos? Com que conceito e com que modelo de Educação continuamos lidando? Durante o debate sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases na Câmara e agora no Senado, para ficarmos em um único exemplo, quem se preocupou com examinar e debater a lei, além dos “trabalhadores da educação” (ideológicos) e dos interessados no *negócio* e não na educação? Foram poucos, muito poucos, os que se ocuparam do assunto. Talvez o Brasil tenha feito com a educação o mesmo que fez com a “lei da informática”. Imaginou isolar-se do futuro, criar um

nicho de proteção para reinventar a roda e garantir que os benefícios da “descoberta” fossem genuinamente nacionais. Enquanto o mundo investia em “cérebros”, pensava em qualidade do ensino oferecido, impunha critérios cada vez mais rigorosos de avaliação desse ensino, o Brasil caminhava no sentido oposto. Burocratizava a Educação, desvalorizava o professor, confundia educar com dois pratos de comida e um banho por dia, tudo em nome de uma curiosa “democratização” do ensino. De fato, ela socializou todas as misérias da nossa Educação, enquanto garantia que os benefícios da opção moderna fossem bater em poucas pessoas. Com certeza, temos a maior reserva de mercado da ignorância que o mundo já viu! Essa avaliação da Educação nacional o Banco Mundial já fez. Entre nós alguém está preocupado com isso?